

MARÉ VIVA

MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANÁRIO

ANO X N.º 460 — PREÇO 17\$50 — 21/11/85

Política Local

No debate sobre liberdade de imprensa, Artur Bártolo e o PRD não estão presentes

— ÚLTIMA PÁGINA

Promovido pela NASCENTE

DECORRE ESTE FIM-DE-SEMANA

Seminário sobre Arqueologia Industrial

ÚLTIMA PÁGINA

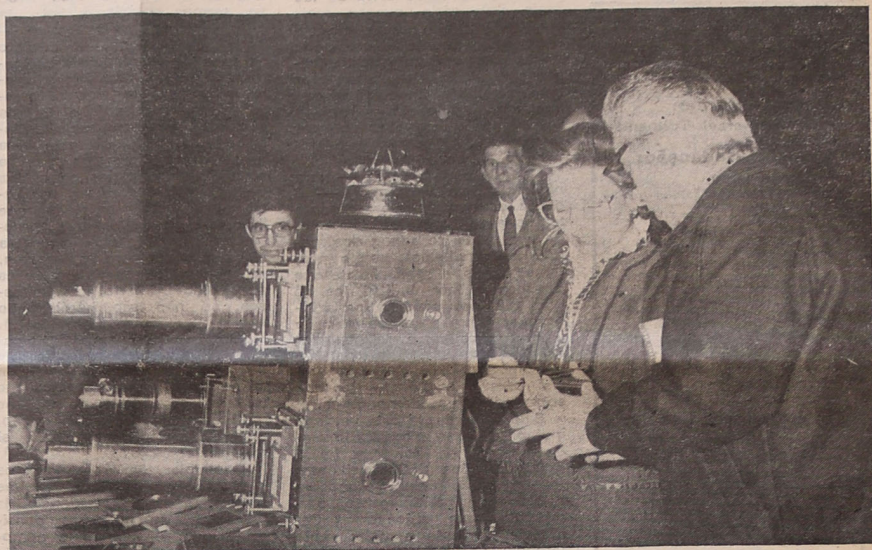
U. LEIRIA, 0 - ESPINHO, 2

Espinhenses seguem em frente na Taça de Portugal

— PÁGINA 7

CINANIMA

TUDO SOBRE O FESTIVAL



Lanterna Mágica, uma maravilha do Festival

Passava da meia-noite de sábado, dia 16 de Novembro, quando se deu início à cerimónia de entrega de prémios do Cinanima 85. Era, de certa forma, o chegar ao fim de mais um festival, o nono.

No Salão Nobre do Casino de Espinho, todos os que, de uma forma ou de outra, haviam acompanhado as iniciativas que decorreram entre o dia 8 e se prolongaram ainda até domingo, 17, em duas sessões com os filmes premiados, mostravam um ar de prazer, (quando o cansaço o é também), que representava o esforço por algo que parece não terminar jamais: o Cinanima. Uma palavra que significa muito mais que um Festival de Cinema de Animação, uma palavra que, desde 1976, parece ser uma espécie de semi-recta, sem fim à vista.

Nas palavras de António Gaio, membro da direcção da Coop. Nascente e da Comissão Organizadora do Cinanima — «a Coop. Nascente serve a cultura e não se serve dela» — ficou espelhado o espírito que, mais uma vez, presidiu a esta iniciativa.

Após a realização da 1.ª Animação, oito sessões competitivas, a antestreia de «Tygra», o maravilhoso espectáculo de Lanterna Mágica e tanto que aqui ficará por citar, poderá afirmar-se que este foi o culminar frutuoso de um trabalho que, na realidade, se desenvolve durante o ano inteiro.

REPORTAGEM NAS PÁGINAS CENTRAIS

SETE PESSOAS A VIVEREM NA RUA!

— PÁGINA 3

CONTRALUZ

Ler, escrever & Poder

Quando a criança atinge um estágio de maturidade que lhe proporciona a emissão da primeira palavra dá, sem dúvida, ainda que de uma forma hesitante, o primeiro passo para a conquista do mundo; não interessa muito se isso acontece com sete meses ou com dois anos. O importante é que a aquisição da língua materna é, em termos sociais, um dos pontos mais importantes da vida de um indivíduo.

Surge-nos então a questão: porque é que, desde o escola primária até ao fim de uma licenciatura, ainda que numa faculdade de Letras, mesmo num curso de Estudos Portugueses,

a língua Portuguesa é tão abandonada, tão posta de parte, tão evitada?

Não é necessário ser-se sociólogo da educação para se perceber, mesmo ainda quando se tem três ou quatro anos, que quem vai ganhar mais berlindes não é só o mais habilidoso na técnica do jogo, mas também aquele — e principalmente esse — que, através do uso criativo do discurso é muitas vezes capaz de estabelecer regras para o grupo, com todos os argumentos possíveis, evidentemente tendenciosos, próprios de quem não tem ainda um processo de socialização de forma alguma completado.

O uso da língua torna-se tão mais necessário quanto mais verificamos, até mesmo no estágio vulgarmente denominado de «adulto» que não somos capazes, todavia, de ultrapassar uma série de imposições que nos são inculcadas, principalmente no campo afectivo, por uma sociedade em que o privado é a base.

Quando o verbalismo — para não falar em verborreia — é capaz de nos governar durante tantos anos (o Poder tem estado nas mãos de advogados, padres e jornalistas), tendo nós, tantas vezes, a sensação de que estamos a ser ludibriados, é bom que nos comecemos a interrogar sobre a necessidade do usufruto por parte de qualquer cidadão português da sua língua materna — ponto essencial para a existência de uma sociedade livre, democrática.

Salazar conhecia esta verdade melhor do que ninguém, quando nos punha horas a fio a dividir orações d'«Os Lusíadas»; todo o resto ficava esquecido e garantido politicamente, porque, de facto, enjoávamos Camões para toda a vida; sabia também os dividendos que tiraria ao deixar as crianças na escola primária abandonadas os métodos de aprendizagem da leitura e da escrita mais tradicionais; sabia até como era necessário que fôssemos um dos países com elevada taxa de analfabetismo.

A escola primária era — e é — juntamente com o inexistente ensino pré-primário ou pré-escolar (tantos nomes para algo que não existe, é mesmo

de quem só se fica pela metafísica) a pedra filosofal de toda esta questão. É aí que tudo tem que ser mudado, é aí que se estabelece a primeira ponte para o mundo do conhecimento da língua em termos oficiais; o que ficou para trás (a família, etc.) nunca entra em conta.

Crianças, como por exemplo as do bairro da Marinha, são «burras» porque «são», ou porque a escola não lhes dá uma resposta adequada? Registam-se ali dos mais elevados índices de insucesso escolar, a nível nacional, mas as crianças são sujeitas a uma escola exactamente com as mesmas condições da escola da «Tourada», isto é, o que se lhes tirou em termos sociais, à hora da nascença, continua a tirar-se — e de que maneira! — durante os anos de escolaridade obrigatória. E os «burros» ficam sempre «maus», os «maus» sempre «maus» e o coitadinho do país que cada vez tem mais delinquência. É peija que não haja estudos mais concretos, mas de certeza que a maior parte dos delinquentes assumiu o seu estatuto na escola primária, que lho ofereceu de bandeja (note-se que esta crítica à escola não tem a ver com professores, muito menos com professores do ensino primário, porque esses, se não são heróis, são santos ou coisa parecida...).

Mas a responsabilidade de frustrar em crianças o uso da sua língua de tão tenra idade é um crime sobre o qual teremos que reflectir rapidamente. Um crime que envolve toda uma nação, um país que se assassina a si mesmo: suicídio?

Que valor têm os candidatos à Assembleia da República, às autarquias ou à Presidência da República, se podemos considerar que — por mais democratas que sejam, por maior disponibilidade que tenham ou mostrem para colmatar todas estas questões — continuamos a ser «elevados na torrente» de um discurso bonito do qual não somos capazes de descodificar um só texto?

E ainda vem um ministro dizer-nos que no ensino primário não há problemas... «burros», mas tanto não, sr. doutor!

J. R. T.

Um televisor por cima da manjedoura...

AGOSTINHO CHAVES

Era um daqueles restaurantes onde as pessoas se alinham em modernas manjedouras revestidas a alumínio.

Um autêntico pronto-a-comer (o bife e o peixe) e deitar fora (a toalha de papel, o guardanapo de papel, o copo de plástico mole e o frágil talher transparente).

Talvez porque comer assim é tristonho (cada um rumina para si, sem levantar os olhos do prato e sem ter a coragem ou a vontade de dizer ao vizinho que tem os cotovelos largos de mais — o balcão é que tem lugares em demasia! — ou que não deve fumar enquanto toma o negro café, estando ao lado dos companheiros da negra lufa-lufa

quotidiana, ainda a meio do prato do dia e do copinho do maduro tinto), a gerência resolveu instalar por cima, numa improvisada armação metálica, um televisor.

Enquanto há o 12/13 (ou antes, o XII/XIII) é a RTP que distrai o pessoal; a comida vai arrefecendo e dessa forma ingerida não se dá tanto conta das suas deficiências.

Depois da telenovela, metem-se umas «cassettes» de «vídeos», com gravações do TOP DISCO ou do «Domingo Desportivo».

O tempo de refeição vai,, assim, traduzindo um pouco o espírito das pessoas. Afinal, comer, hoje, é também um factor da profissão: o operário e o

RASCUNHOS



Parece que ainda ontem estava estendido na areia a tostar a pele sob as carícias quentes do sol estival e já começo a pôr sobre o cadáver os abafos que me abriguem das friagens com que um moribundo Outono prenuncia o início de mais um Inverno. E, quando der por ela, o Natal já é uma recordação meramente longínqua, a Primavera está como o anti-clímax dos Açores o permitir e far-se-ão com a devida antecedência os planos para as férias possíveis de quem não tenha salários em atraso nem dívidas aos fornecedores de matérias primas para a sopa diária.

Em relação ao tempo mais lato que não seja o do decurso de quatro estações, af os anos correm com uma velocidade que só terá medida similar na da propagação da luz. Mal se assentou pela primeira vez o traseiro no banco da escola primária e já está um pobre fabiano a tratar com o reumatismo, a arteriosclerose, as dificuldades em governar a vida com as escassas pensões que a tal Segurança Social oferece pelo trabalho intenso de uma existência.

Isto tudo vai tão depressa que quase não temos possi-

bilidades de assentar raízes, formular projectos, realizá-los. De repente estamos à beira do fim, à nossa frente o horizonte deixou de ser vasto para se medir por uma mesga. Desistimos de lutar, desistimos de ter esperança. Não vale a pena esperar outra coisa que não seja esperar o termo irremediável.

Mas, felizmente, há quem não pense assim e continue a fazer projectos para o futuro; quem continue a entender que a vida é para ser aproveitada plenamente. Há sempre quem não seja capaz de desistir, bem pelo contrário e é esse o exemplo que eu gostaria de seguir.

Lá pelo país do Tio Sam que, para as notícias menos vulgares, está em relação ao Mundo como em tempos não muito distantes o estava para a Lusitânia o Entrocamento, uma jovem norte-americana comemorou, perante o carinho das pessoas da sua Intimidade, o seu centésimo quinto aniversário. Os jornalistas, que estão sempre atentos a estes fenómenos matusalémicos, não faltaram e, do bate-papo que tiveram com a «donzela» ultra-centenária ouviram-na contar que, há quinze anos (tinha ela, portanto só 90) recebera uma proposta de casamento. Medindo prós e contras, acabou por concluir que não deveria aceitar a desfeira o pretendente em lágrimas. Mas agora estava certa de que, se o Romeu lhe repetisse a demanda, era bem capaz de dizer o sim porque se achava em boa idade de contrair matrimónio.

Carlos P. Moraes

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

funcionário público, o técnico e o professor, o viajante e a secretária recebem senhas de alimentação fornecidas pelos serviços e utilizam a horinha que lhes é marcada no horário de trabalho para a refeição.

Proliferam, por isso, as «lançonetes» e os «petisqueiros». E enquanto uns comem, os outros esperam, um olho virado para o televisor, o outro contemplando de soslaio a rapidez com que os ocupantes do balcão se vão desembaraçando da fruta ou do doce, salvaguardando o lugar que irá ser seu, fiscalizando o movimento das pessoas que esperam não vá alguém antecipar-se-lhe.

Naquele dia estava o televisor debitando notícias.

As pessoas olhavam mais para o vestido e para o penteado da locutora, não atentando minuciosamente no conteúdo da informação: não sei qual um atestado em Tripoli; qualquer coisa sobre uma reunião de empresários no Porto; acho que falaram de uma tentativa de Golpe de Estado num país qualquer; disseram que um embaixador foi raptado por um grupo terrorista

que agora não me lembro qual, coisas assim.

De repente, tudo mudo!

De repente, tudo páral. A menina falava de automóveis e um «slide» mostrava uma bicha de carros junto de uma bomba de gasolina.

E na rapidez e na unanimidade iguais ao orgasmo colectivo da multidão em transe num estádio de futebol celebrando «Goolo!» da equipa da casa, aqueles comensais «de aviação» gritaram à una:

«A gasolina vai aumentar!» Não ia. A notícia dizia respeito a um novo sistema (electrónico e «self-services») de abastecimento, algures na capital.

Recuperando o fôlego momentaneamente suspenso, todos se (re)lançaram à tarefa alimentar interrompida. Os olhos prescaram de novo os lugares do balcão que iam vagar e o espírito de cada um tentava readaptar-se à normalidade dos temores de cada dia...

* Jornalista da Rádio Renascença

maré viva

SEMANÁRIO

Director Interino:

José Rafael Tormenta

Chefe de Redacção:

Jorge Lopo

Redactores:

Abílio Adriano
Fernanda Loureiro
Filomeno Oliveira
Jorge Rosa

Colabor. da Redacção:

Carlos Cruz

Colaborador Especial:

Carlos P. Moraes

Colaboradores Locais:

Alicia Rocha
Fausto Neves
Joaquim Fidalgo
Jorge Carvalho
Luís Costa
Mário Correia
Mário Rui Neves
Nunes Carneiro
Orlândia Cruz
Victor Sousa

Outros Colaboradores:

Agostinho Chaves
Álvaro Costa
Carlos Magno
José Queirós
Luísa Bessa
Margarida Portugal
Manuel Neto da Silva
Manuel Pinto
Manuel Tavares
Viale Moutinho

Reportagem Fotográfica:

Clara Pinheiro
Olívia Silva
Joaquim Santos

Paginação:

Augusto Mota
António Gaio
Henrique FerralraPropriedade da Nascente
Coop. de Acção Cultural
Rua 62,251 - Telef. 721621Composição e Impressão:
Tipografia Meneses
Coop. Gráfica Espinho, C.R.L.
Rua 14, 903 - Telef. 721016

Redacção:

Rua 62, 251 - 4500 Espinho
ou Apart. 43 - 4500 Espinho
Telef. 721621

Assinatura semestral:

350\$00

Assinatura anual:

700\$00

Depósito Legal: 2048/83

Tiragem destenúmero:

2.000 exemplares

* POLÍTICA LOCAL *

* POLÍTICA LOCAL *

PRD faz consulta aos candidatos e nomeia secretariado permanente

A organização Concelhia de Espinho do PRD fez uma consulta aos candidatos à Presidência da Câmara conforme anunciou em comunicado divulgado pelo seu Secretariado Permanente.

Segundo a nota divulgada por este partido, o PRD, «conforme tinha sido programado, estabeleceu contactos com os candidatos à Presidência da Câmara Municipal de Espinho. Para o efeito, elementos da Comissão Directiva Concelhia Provisória

(CDPCP) realizaram proveitosos diálogos com Gomes de Almeida (PSD), Rolando de Sousa (PS) e Jorge Carvalho (APU). Não se efectuaram dois encontros inicialmente previstos: com João Almeida (UDP), por não ter respondido ao convite; com José Fonseca, por ter faltado à reunião combinada.

2. Os elementos colhidos nestas conversas estão, neste momento, a ser avaliados para eventuais desenvolvimentos».

Entretanto o mesmo comuni-

cado, informa ainda que «no plano interno, a Organização Concelhia de Espinho do PRD continua a sua estruturação. Nesse sentido foi nomeado o Secretariado Permanente, composto por Fernando Pinto, José Carlos Leitão, José Luís Peralta, Jorge Tavares e Nunes Carneiro», e conclui dizendo que «estão também já criadas a Comissão Técnica Eleitoral e a Comissão de Organização do Partido».

reunião da câmara

Aprovado o Plano de Actividades e Orçamento para o ano de 1986

O Executivo na sua sessão de sexta-feira, aprovou o Plano de Actividades da Câmara e Orçamento Municipal para o ano de 1986.

O Orçamento Municipal tem o montante de 1.074.230.000\$00 tanto na despesa como na receita, sendo a verba de 585 mil contos respeitante à Câmara, e 489.239 contos, aos Serviços Municipalizados.

Embora ainda não se tenha conhecimento do Plano de Actividades, o «Maré Viva» apurou que o critério utilizado pela Câmara na elaboração do presente orçamento, foi o de contemplar as obras em curso e as que não foram iniciadas, mas fazem parte de planos anteriores, dando também algumas sugestões em relação à aplicação de verbas remanescentes.

Aumento da água: Inaceitável atitude de Gaia

Face a uma comunicação dos Serviços de Espinho, a informar que o preço da venda de água pelos Serviços de Gaia, passou para 20\$00 por m³, desde o dia 15 do mês findo a Câmara deliberou aguardar o parecer do Conselho de Administração dos Serviços locais.

Antes porém, os vereadores consideraram a atitude que partiu da Gaia, absolutamente inaceitável, tendo Casal Ribeiro sugerido que se tomasse uma posição firme nos Serviços e se solicitasse à Câmara de Gaia uma explicação.

Dois assuntos polémicos seguiram-se a esta deliberação: a cedência do Salão Nobre à

APU, para o debate sobre liberdade de imprensa e uma informação de Artur Bártolo sobre uma notícia do «Espinho Vareiro».

Ser ou não ser na Câmara

Sobre o pedido de cedência do Salão Nobre da Câmara para o debate sobre liberdade de imprensa e relações poder/imprensa local, a questão que se começou por colocar era se ele deveria ser no edifício municipal. A Joaquim Ribeiro não parecia «muito certo». Carvalho e Sá achava «estranho que se peça o salão, depois de já ter sido anunciado o debate». Luís Albernaz, dizia que «todos os debates desta natureza têm sido na Piscina». Rolando Sousa entendia que isso «ia abrir um precedente, o que poderia levar todas as forças políticas a solicitar o mesmo».

Casal Ribeiro veio pôr a questão de outro modo: «Também não acho muito correcto que seja no Salão Nobre, mas já houve iniciativas partidárias no salão ao lado, e aí votava favoravelmente». José Fonseca concordou com esta posição e Rolando Sousa já achava mais possível esta hipótese. Mas Joaquim Ribeiro, Luís Albernaz e Carvalho e Sá sustentaram a sua posição dizendo agora, «que estava pedido o Salão Nobre e era sobre essa solicitação que a Câmara se devia debruçar».

Artur Bartolo ainda quis encontrar uma posição conciliadora, pedindo para si, poder para despachar um eventual ofício a solicitar o «salão ao lado».

E como não lhe davam esse poder, ele ainda perguntou: «Mereço a confiança da Câmara ou não?» Pelo menos para este caso, parece que não.

Em causa uma notícia

Artur Bártolo apresentou os seus argumentos através de uma informação acompanhada pelas actas da Câmara relativas ao assunto; e os restantes vereadores reconheceram a veracidade da sua exposição. Apenas José Fonseca disandou.

Em causa estava, uma vez mais, uma notícia do «Espinho Vareiro» sobre os concursos, para a ocupação do terrado. Para o Presidente da Câmara era preciso provar que José Fonseca nunca votou contra a abertura deste concurso, como, em seu entender, a notícia fazia transparecer, mas apenas se tinha manifestado contra a «informação do Director dos Serviços Administrativos sobre a atribuição dos lugares vagos». E os vereadores aceitaram a argumentação de Artur Bártolo.

Porque não se tratava de votar a favor ou contra, José Fonseca ditou para acia a sua visão do assunto. Disse que sempre concordou que os lugares fossem atribuídos, mas «simplesmente entendi que antes dos lugares serem entregues se alterasse o regulamento».

«E ficou assim esclarecida uma notícia, cujo ponto mais importante, dizer que a Câmara aprovou o concurso antes de propor a alteração do regulamento à Assembleia, não foi abordado».

APU debate campanha para as autárquicas

A Aliança Povo Unido vai levar a efeito, no sábado, às 21.30 horas, no salão da Piscina, uma reunião de candidatos e activistas desta força política.

A reunião, aberta a quem quiser a ela assistir, destina-se a debater a próxima campanha para as autárquias.

COM ORDEM DE DESPEJO

7 pessoas a viver na rua

«A vida assim, nem merece a pena viver». Este o desabafo de Bernardino de Oliveira Santos, depois de estar a sofrer na pele os efeitos de uma ordem de despejo.

Este um caso que uma vez mais nos vem chamar a atenção para o eterno drama, que é a falta de habitação no nosso concelho.

A ordem de despejo foi cumprida na segunda-feira passada, pelas 14.30 horas. «Veio a polícia e o pessoal do tribunal», começa por nos dizer Bernardino Santos, até então residente na rua 41 n.º 181, junto à capela de S. Pedro. A casa, essa é de propriedade de quatro irmãos, que declararam ao tribunal precisar dela para aí efectuarem obras de melhoramento. Só que estas obras não contemplavam os moradores, uma família de 7 pessoas. «Eu era o inquilino», prossegue Bernardino Santos o seu relato, mas a casa estava em nome do meu irmão que aqui viveu até se casar».

Depois da ordem de despejo consumada, mobiliária toda na rua, ainda para mais com ameaças da polícia de que se no mesmo sítio continuasse, no dia seguinte, era recolhida por um camião da Câmara, para os armazéns da autarquia. Mas a eterna questão, coloca-se: «E agora, para onde vou viver?» Para

já a única solução é mesmo a rua porque alternativas é coisa que não existe num concelho com grande número de pessoas «a viver como animais» (expressão célebre de Artur Bártolo). Mas, por falar no Presidente da Câmara, estas pessoas também a ele recorrem, na esperança de no seu gabinete encontrar uma solução. «Fomos ao Bártolo, dizem-nos, mas ele bateu-nos a porta». Dito isto, uma senhora que estava a assistir à conversa, acrescenta: «Também eu lá fui, falar deste problema, e ele «botou-me» fora».

Relatado o drama resta dizer que Bernardino Santos é cantoneiro de limpeza na Câmara e aufero do rendimento mensal de 26 mil escudos. Em sua casa, com sete pessoas, é o único que trabalha. E que lá, como nos diz, «aperta-se o cinto de verdade». Na casa, onde até segunda-feira viveram, tudo está podre, e apenas tinha uma divisão que era separada com cortinas. A renda, vá lá, era de 200\$00 «Para ir à casa de banho, era preciso um guarda-chuva» — está-se mesmo a ver porquê.

Mas a revolta nesta gente é ainda maior quando referem que concorreram para os casas da Marinha, já com a ordem de despejo, e não foram contemplados.

Na sexta-feira

Junta de Espinho, procede à entrega do Prémio Jerónimo Reis

A Junta de Freguesia de Espinho vai proceder, amanhã, dia 22, pelas 21.30 horas, no Hotel PraiaGolfe, à entrega do «Prémio Pecuniário Arquitecto Jerónimo Reis». Este prémio, instituído em 1984, destina-se ao aluno de Espinho, que frequenta o curso de Arquitectura da Escola

de Belas Artes e Faculdade de Arquitectura, com melhor classificação.

No encerramento, o Arq.º Carlos Guimarães fará uma conferência sobre o tema «Arquitectura e construção da Cidade».

Em Outubro aumentaram furtos em automóveis

O mês de Outubro foi fértil em acções de furto, na zona urbana de Espinho, principalmente no interior de automóveis estacionados na via pública — refere o habitual comunicado do Comando Distrital de Aveiro, da PSP.

Segundo a mesma nota, que se refere ao mês de Outubro, um outro aspecto que acusou um certo agravamento, foi as queixas por agressão entre cidadãos e a emissão de cheques sem cobertura. O contrário, no entanto, veio a registar-se nos furtos de motorizadas que diminuíram ligeiramente, em comparação com igual período do mês de Setembro.

Quanto à acção da polícia de Espinho, de realçar a captura de três pessoas e a recuperação de uma volta de ouro, que havia sido furtada. Em Operações Stop, foram fiscalizados 186 veículos, tendo sido também efectuado o controlo de alcoomia a dois condutores, um dos quais acusou taxa excessiva de álcool no sangue.

Por último, refira-se uma operação de fiscalização feita pela PS local, em conjunto com agentes da Inspeção Económica, em que foram «visitados» 20 estabelecimentos comerciais e todas as bancas do mercado municipal, não sendo detectadas quaisquer infracções.

AGRADECIMENTO

Judite da Silva de Jesus

PARAMOS

Manuel Alves de Oliveira e família vêm por este ÚNICO MEIO agradecer a todos aqueles que tomaram parte no funeral, bem como missa do 7.º dia, deste seu ente querido.

A família agradece reconhecidamente

CINANIMA: o festival

FILMES PREMIADOS

Durante todo o festival, diversas pessoas movimentaram-se no salão da Piscina na tentativa de se criarem actividades paralelas.

Para além da exposição de Patrício, a actividade que mais interesse despertou em toda a gente através da sua imaginação que levou o público a participar, o Centro Livreiro, uma vez mais esteve presente.

A afluência à leitura e compra dos livros foi normal, demonstrando o interesse que muita gente tem em folhear livros de banda desenhada. Mas, na sua maioria, ficavam-se pela leitura porque o custo de vida

é cada vez maior não podendo portanto, adquirir livros tão caros como estes.

O trabalho produzido pelos mais miúdos ao longo do ano foi agora posto em prática com a projecção dos seus filmes e de outros educativos sobre o modo de se fazer animação.

Este trabalho incentivado por Avelino Nunes foi, quanto a nós, o trabalho mais significativo — bem como o espectáculo «Lanterna Mágica» e «As coisas mágicas» de Patrício — deste Cinanima, porque a animação, tal como tudo, depende do interesse e da imaginação dos mais novos.

O Festival de Cinema de Animação, CINANIMA, continua a ter grande importância no mundo da animação, despertando o interesse de todos, principalmente das crianças, que sentem já a vontade de participar.

De uma maneira geral, porém, os filmes exibidos na edição deste ano, não tiveram a qualidade dos anos anteriores.

A comprová-lo está a não atribuição de prémios às modalidades A e E, pelo facto de

o júri ter considerado não terem os filmes qualidade suficiente.

Entre os filmes premiados, destaca-se «Kubiek», do belga Pièrre Letorme (8 min., cor, 16 mm), que nos mostra a longa e interessante proposta junta-se um grafismo bem concebido.

O filme do húngaro Andras Krisfaludi, «O tempo de nada serve» (27 min., cor, 35 mm), apresenta-nos detalhes da in-

um conhecimento profundo das imagens mentais que aquele recorda, concluindo que repensar o futuro de nada serve!

Na secção de longas metragens, «A história do soldado», (60 min., cor, 35 mm) do norte americano R. O. Blechman, conta-nos a história de um pequeno soldado que encontra o diabo e troca o seu violino por uma promessa de boa sorte. A música de Stravinsky, com uma cuidadosa mistura de jazz, música de igreja, tango, valsa e ragtime, cria o ambiente. O filme termina com o pequeno soldado a readquirir o violino, ficando ele próprio «senhor» de toda a superprodução que o diabo conseguiu (discos, carros, telefones a tocar) preferindo depois junto da sua noiva, devido à saturação desencadeada pelo excesso de responsabilidade — recordar a sua aldeia...

Na modalidade F (filmes didácticos) «O mundo maravilhoso da escrita», da Roménia, dá a conhecer às pessoas, através da escrita, três factores importantes na vida, que muitas vezes não são colocados em prática: paz, amizade e comunicação. «O macaco curioso», um dos quatro filmes premiados dos EUA (14 min., cor, 16 mm), realizado por John Matthews coloca um homem no lugar de um macaco curioso que vê os outros na jaula de um modo diferente, aplicando simultaneamente uma técnica perfeita.

O Júri atribuiu mais dois prémios a filmes norte-americanos: «Como a rã vê», de Skip Battaglia (6'30"), com música de Brian Eno, recebeu o prémio referente à categoria experimental. Com um conteúdo interessante coloca a câmara nos olhos de uma rã que não vê o que não se move. Para ela o movimento é vida.

Por último, na modalidade de filmes para a juventude, «Contos Irreais», de P. Piann (9 min., cor, 16 mm), surge um filme bem concebido tecnicamente, que nos conta as incríveis histórias de um gato alegre e distraído.

PRÉMIOS

Categoria A:	Não foi atribuído prémio	
» B:	A Casa n.º 42	Jugoslávia
» C:	Kubiek	Bélgica
» D:	O Tempo de Nada Serve	Hungria
» D:	A História do Soldado	E.U.A.
» E:	Não foi atribuído prémio	
» F:	O Balão	Índia
» F:	O Mundo Maravilhoso da Escrita	Roménia
» G:	O Macaco Curioso	E.U.A.
» G:	Alvorada	Hungria
» H:	Como a Rã Vê	E.U.A.
» I:	Porque Zumbem os Mosquitos	E.U.A.
» I:	O Rapaz e o Ganso das Neves	Canadá
» J:	Contos Irreais	U.R.S.S.

Menções Honrosas: Produção da Pannonia Film Studio
Para a música de Norman Roger
Para William Littlejohn pela animação de «A História do Soldado» e «Moebius Play»
Para «O Menino de Fogo», pela técnica de colagens
Para a banda sonora de «Como a Rã vê»
Para o filme «Um Espírito Gentil»
Para o filme «Criminal Tango»

Prémio Alves Costa (Imprensa): Kubiek Bélgica
Menção Honrosa (Imprensa): Um Espírito Gentil Polónia
Animatona Portuguesa: Grupo 2 (Luísa, Adriana, Zé Carvalho, Olídes, Moisés, Bernardo e Carlos Amado)



UM MAR DE GENTE NO CINANIMA

Algumas coisas mágicas de Patrício

Alvaro Patrício habitante de Caneças, situada nos arredores de Lisboa autor de genéricos, de ilustrações para livros infantis, cartoons, com exposições de serigrafias, entre outras iniciativas, esteve no ano passado pela primeira vez no Cinanima, E... «olha, gostei da gente, do convívio, da união de vocês todos e, cá estou com uma exposição».

«Esta exposição não é mais do que uma passagem da imaginação ao vivencial, ou seja, existe aqui uma tentativa de me aproximar das pessoas».

— Acha que está a funcionar?

— «Acho que sim. Pela reacção das pessoas, que tem sido maravilhosa! Ficam admiradas com o facto de eles próprios participarem na exposição e outros já imaginaram à sua maneira e fizeram desenhos alusivos a este trabalho».

— Considera esta exposição de humor?

— «Humor e não só, porque é uma exposição que para além de ser inédita e curiosa foi inspirada na reacção das pessoas por elas se envolverem perfeitamente nestas 13 peças, porque afinal todos temos imaginação!»

— Como todas as exposi-

ções, esta também deve ter uma história para contar. Podia-nos contar uma das histórias e como surgiram algumas peças?

— «É uma exposição do dia-a-dia, ao passarmos na rua, eu, e alguns amigos meus vamos encontrando lixo na rua e arranjávamos «coisas do arco-íris», de casa da minha Avó, isto é, coisas que vêm da infância».

«As histórias, desculpa lá, não vou contar porque são íntimas, minhas e que cada um tem...»

Continuando, Alvaro Patrício, disse-nos:

— «Este é o meu mundo, desde o imaginário ao vivencial, e o das pessoas que chegam aqui e reagem de modo diferente, interrogando-se a si mesmas».

Analisando a peça em que se vê uma ratoeira preta a prender uma caneta de tinta permanente que deixa cair sangue, apareceu-nos a frase «é necessário saberes que...», afirmou:

«Todos passamos por isto, quando escrevemos ou mesmo na nossa vida, surge uma ratoeira...»

Portanto, se você perdeu esta exposição não se esqueça de imaginar o seu próprio mundo. Mas, cuidado não se esqueça que o real está aí, à sua frente...

corrida de um homem perseguido e ameaçado pelas diferentes formas de um cubo. A

fância de um poeta mergulhado na solidão, proporcionando, através de fotografias animadas,

UM CORO NO FESTIVAL

A convite da Comissão Organizadora do Cinanima, o Coro Popular de Espinho apresentou, antes da sessão de sábado à noite, o seu espectáculo «Cantigas da Roda do Ano».

Um espectáculo com bastante qualidade, em termos musicais e cénicos, cujo ritmo conseguiu superar as dificuldades de uma sala destinada essencialmente a cinema.

O Coro Popular de Espinho deliciou assim, durante cerca de quarenta e cinco minutos, principalmente os assistentes que visitavam Espinho vindos de outros pontos do país ou do estrangeiro Um ar diferente, que «rompeu» mais uma vez com o formalismo por vezes tão prejudicial ao convívio necessário neste tipo de certames.



Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

A. Moreira
da Costa

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218
2.ª e 6.ª feira
Rua 16, 789 — Tel. 722695
3.ª feira

para lá e para cá do écran

Do Festival fala o Júri

Composto por 6 elementos, dois portugueses, um holandês, um francês, um italiano e um jugoslavo, não foi certamente com facilidade que o Júri procedeu à atribuição dos prémios, tanto mais que, como Alves Costa, membro do Júri de selecção já anunciada havia uma qualidade média bastante razoável; contudo — e por falarmos em qualidade — verificou-se,

por melhor. Não foi de maneira alguma um mau festival, pelo contrário: apesar de não haver grandes filmes há uma qualidade média muito boa; por isso foi difícil escolher os premiados. Para além disso penso que o júri deveria poder escolher as categorias, isso facilitaria.

OSVALDO CAVANDOLI (Itália): «O festival foi muito bom,

as pessoas são muito simpáticas. Então este espectáculo do Coro foi bellissimo, os meus sinceros parabéns a todos os elementos e felicidades. Creio que houve muito boa qualidade neste festival, apesar de terem ficado filmes bons de fora; sobretudo foi muito diverso, muito internacional. Viveu-se o festival e o cansaço está à altura do festival; está-se em Espinho como num cantinho da Itália. Fantástico. E isto do espectáculo do Coro foi muito interessante para que não se esteja só deste lado da linha do combolo.

GERRIT VAN DIJK (Holanda): «É um festival pequeno mas muito bom; todos se conhecem, é completamente diferente de Annecy; então a hospitalidade, é muito boa. Quanto aos filmes, noutros festivais não há tantos filmes experimentais; há mais aqui do que noutros festivais e creio que isso é bom. Escolher foi difícil, como noutros festivais: nunca há só um filme bom, há seis ou sete».

RANKO MUNITIC (Jugoslávia) — ao que parece esta terá sido uma das personagens mais polémicas ao longo do Festival. Sobre as razões porque não conseguimos o seu depoimento, sobre o breve contacto que tivemos... preferimos não comentar.



O JÚRI DO FESTIVAL

por exemplo a não atribuição de qualquer prémio a um dos vencedores de Annecy. Quisemos pois registar a opinião do Júri, de cada um dos seus elementos:

VASCO BRANCO (Portugal): «Suponho que este ano o festival não teve um lote de filmes tão bom, em termos de qualidade, como em anos anteriores; há uma certa repetição, um certo cansaço. Nalgumas categorias não foi fácil atribuir um prémio, por exemplo na B em que havia um maior número de filmes; se somarmos os outros todos não chegam a ser tantos; o Júri teve que fazer algumas mudanças; por exemplo o filme premiado na categoria H veio da B».

CARLOS BARRADAS (Portugal): «Este ano não houve tão boas coisas como há dois anos e no ano passado; há filmes com boa qualidade que não vieram a este festival. Foi fácil escolher os premiados. Talvez houvesse filmes, que não estiveram cá, que pudessem ganhar a estes».

THIERRY STEFF (França): «Foi a primeira vez que vim a este festival Para mim foi uma grande descoberta em termos de ambiente, acolhimento, etc. Descobri filmes bastante importantes, muito bons. Quanto à qualidade, é sempre o mesmo, diz-se sempre que o anterior

CINANIMA presente nas escolas

O Festival de Cinema de Animação, em Espinho, é muito mais do que algo que se constrói para «espectador ver». Uma das suas directrizes foi também a pedagogia, mais propriamente a didáctica, isto é, «para além do écran».

ATELIER/CONCURSO PARA CRIANÇAS

Destinado essencialmente a alunos do ciclo preparatório e do 7.º ano unificado, realizou-se um concurso de filmes de animação. Qual o objectivo? Seleccionar dois grupos que, pela qualidade do seu trabalho, obtenham um lugar no atelier do Cinanima, entre 12 e 14 de Novembro. Os resultados — depois projectados — foram mais do que o filme surgido: o desejo de que o função pedagógica e didáctica se possa pro-

longar para além das barreiras naturais do Festival.

Este é um trabalho que — segundo Avellino Nunes da Organização do Cinanima e ligado a este projecto — «tem as bases lançadas para que se possam mesmo ajudar a preparar algumas aulas, organizar ateliers nas próprias escolas. Nós temos máquina, filme, película, truca, etc.»

Será que 1986 vai trazer para as escolas do concelho de Espinho uma outra dinâmica no que diz respeito à animação, como consequência do Festival de 85? Quem sabe? A vontade das escolas, a vontade da Comissão Organizadora do Cinanima chegam, certamente.

FILMES PROJECTADOS PARA AS ESCOLAS

Cerca de duas mil crianças do ensino pré-primário, primário

LAURA ZOTTI AO MV:

«Sem «Lanterna Mágica» não havia cinema»

A «Compagnia Mondo Nuovo», dirigida pela italiana Laura Zotti, logo ao contrário do que se pos-esteve no Cinanima 85 onde apresentou o espectáculo das épocas vitorianas — «Lanterna Mágica».

Segundo Laura Zotti, este é um espectáculo indispensável, porque sem a «lanterna mágica» não havia cinema.

A organização do Cinanima ofereceu, a todos os que acompanharam o seu 9.º Festival, a oportunidade de assistirem aquilo que se pode considerar «a Avó do cinema e da própria animação, que constitui, por excelência um espectáculo e não um jogo ao contrário do que se possa pensar», disse-nos ainda Laura Minici Zotti.

A «Lanterna Mágica» é um aparato óptico para projecção em écran, de fotografias pintadas, usando cores translúcidas, em slides de vidro que medem apenas 8 por 8 centímetros. A sua invenção remonta ao ano de 1800, para posteriormente sofrer melhorias com a introdução de um sofisticado mecanismo que oferecia já a possibilidade de realizar autênticos espectáculos.

Continuando a nossa conversa sobre este imaginativo espectáculo do passado, Laura Zotti disse-nos, no Salão da Piscina, o seguinte: «Este é um facto cultural importante, por ser único em Itália, por ser para toda a gente, desde os miúdos até aos adultos. Todos observam usando a imaginação, neste caso sobre o passado, porque tudo tem a sua imaginação e, como tal, as pessoas gostam desta... lanterna mágica. Existe no ser humano por outro lado, uma curiosidade imensa em saber como as coisas nasceram, como ele próprio nasceu».

A terminar a nossa conversa, a autora deste espectáculo afirmou:

«Já me interesse por pré-cinema há 10 anos, começando desde logo a estudar as suas fases; depois dei conferências em escolas e serões em casas de espectáculos e, agora, é um sucesso mundial».

Então qual é o interesse principal deste espectáculo — perguntamos.

«O interesse é despertar a tal curiosidade imaginativa das pessoas, através desta «lanterna mágica.»



ANIMAÇÃO PARA 2.000 CRIANÇAS

e preparatório assistiram, no Salão Paroquial de Espinho, à projecção de vários filmes de animação. Esta iniciativa, realizada já em anos anteriores, teve segundo António Santos, um dos executores do projecto, «Uma abertura bastante maior por parte dos professores». Assim, apesar de haver sempre uma

certa dificuldade em acertar os filmes pelos grupos etários das crianças, esta «parte» do Festival de Cinema de Animação revestiu-se de um êxito superior a anos anteriores. Para o transporte das crianças, contou-se com a colaboração do Regimento de Engenharia de Espinho.

AUTO-ZAETA

Excelente garagem de recolha de carros, aluguer barato. Reparações dos mesmos.

Rua dos Limites
Lugar do Mocho — Espinho
Telef. 721752 — Residência

Filme português em destaque

O realizador português Álvaro Feijó, depois de várias participações, no estrangeiro, apresentou no Cinanima 85, «Oh que calma», com a duração de 3 minutos e 8 segundos, tentou com este filme fazer uma viagem através dos fantasmas da cultura popular portuguesa. Como disse um convidado

estrangeiro do Cinanima, no debate de sexta-feira, «É um filme de estudo onde usa várias técnicas, mas falta-lhe a vivência e a imaginação que a animação requer, no entanto, continuam a trabalhar cá em Portugal, em cinema de animação porque o vosso trabalho é interessante e ainda pode vir a ser mais».

A TERMINAR...

O filme americano, «O Fogo e o Gelo», de Ralph Bashki o anti-Disney, o rei do desenho animado, esteve em ante-estreia no passado sábado. Está clara neste filme uma excelente realização, uma grande produção para conquistar público e o circuito comercial.

A propósito deste filme, levanta-se a questão se será be-

néfico para um festival desta dimensão dar tanta saliência à publicidade de um filme?

E pronto. Aqui se deixaram alguns fragmentos que ficaram retidos na memória do nosso repórter. Cinanima: um espaço de encontro, troca de experiências, criatividade, alegria... festa! Que se mantenha este espírito!

CARTAZ

ESPINHO

Cinema

Isto é assim; duma assentada temos o Cinanima, o FITEI, o festival de Tróia. Depois é a rotina. A mesma e única sala de cinema, a qualidade nem sempre a melhor. Mas as notas cá ficam:

— *Sessões normais*: hoje, e até ao dia 24, domingo poderá ver, às 15.30 e às 21.30 horas «007 — Alvo em Movimento». Pelo título já se vê; a realização de John Glen não é famosa, pode ficar por casa; nas interpretações, Roger Moore e... «mais ninguém». Segunda e terça-feira poderá assistir a «História de uma traição», de Marek Kaniévski; uma história sem interesse sobre a educação tradicional inglesa, a homossexualidade juvenil; vale a pena pela música (Michel Storey) e pela fotografia (Peter Bizior).

— *Sessões da meia-noite*: hoje a «Angústia de Viver» de Denis Hopper, o de «Easy Rider»; um ambiente bem conseguido, na passagem dos hippies ao mundo punk, de Elvis Presley a Neil Young. Só pelo música que foi «incorporada» no filme, vale a pena. Amanhã, com «O meu nome é ninguém» já pode ficar em casa; é um daqueles filmes de Terence Hill, pistolas e feijões; uma breve presença de Henry Fonda, para disfarçar; não vá. Sábado, «Debaixo de Fogo» ficaremos todos após perdermos o dinheiro por um filme em que uma produção razoável é completamente estragada pela interpretação de alguns actores. A realização é de Roger Spottiswood e Joanna Cassidy e Nick Nolte fogem um pouco à «regra» dos outros actores. O tema é a ditadura de Somoza, «ficção política»; o filme é de 1983 e o leitor, faça como quiser... arrisque... ou não.

Sessão infantil: O «capitão América» foi um herói americano que nos veio em 1980, made in USA; um patriotismo na banda desenhada, em realização de Ivan Nagy, que salta para o celulóide. Poupe as crianças e vá ao jardim, domingo, às 11 horas.

AVEIRO

Ciclo de Cinema

Na casa da Cultura da Câmara Municipal (Antiga Escola do Magistério) poderá ver, ainda hoje, pelas 21.30 horas, «Dificuldade de Viver» (animação), «Três passagens para o outro mundo», «Aprendi a amar» (animação) e «Gay» (documentário).

Dia 27, quarta-feira, «Tão Vagoroso mas tão gostoso», «Sal duro Sal», «O último proletário», e «Para reflexão: a descoberta do património da região de Aveiro».

PORTO

Exposição

Mário Bismark, expõe na EG Galeria, na Rua do Castro, 210. É um artista «espinhense»; se puder dê lá um salto.

RIFAS DA NASCENTE

40.ª SEMANA — 15/11/85

620 — António Neves	— 15.000\$00
870 — Gervásio António Nata	— 5.000\$00
003 — Drograria do Sengo	— 2.000\$00
020 — Germana Alves Neves	— 1.000\$00
120 — Bernardino Torres	— 1.000\$00
220 — Maria Fernanda S. Ribeiro	— 1.000\$00
320 — Maria Adelina S. Zenha Pinho	— 1.000\$00
420 — João Jorge S. Carrapeto	— 1.000\$00
520 — José Pereira Vingada	— 1.000\$00
720 — Egídio Santos	— 1.000\$00
820 — Olívia M. P. Soares	— 1.000\$00
920 — AIPAL	— 1.000\$00

FONSECA

TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

Maria do Rosário Curral

Médica - Interna Psiquiatria

Consultas às 6.ª feiras das 15 às 20 horas

POLICLINICA CENTRAL

Telefs. 722111/723671

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes. Comunhões, Lingerie e Pré-Mamá

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — 724203 — ESPINHO

Secções da Nascente (6)

CORO POPULAR DE ESPINHO

A ideia surgiu em 1975, na velha secção cultural da AAE. Nasceu assim um coro que daria muito que falar.

Em Maio de 1977, o CPE abraçou o projecto da Nascente. Depois vieram as janeiras; o grupo foi um dos pioneiros na restauração desta tradição popular.

As janeiras desencadearam então a «parte» cénica do Coro; surgiram ossim espectáculos, montados para um espaço cénico com slides, dança, teatro, etc.

Neste momento esta secção da Nascente, com a sua usual vitalidade esteve presente no FITEI e no Cinanima.

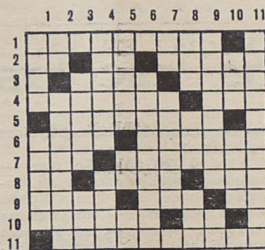
A partir de agora, a maratona é para preparar as Janeiras de 85. Se puder dê lá um salto, procure-os na Rua 62, 251. Há sempre uma mãozinha que se pode dar para animar esta grande e já tradicional festa espinhense.



JANEIRAS NA RUA, PELO C.P.E.



PROBLEMA N.º 131



HORIZONTAIS

1 — Região pouco convidativa no sul da Argentina; 2 — Eles; a voz do Patriarcado; lá teremos que ir outra vez, a 15 de Dezembro; 3 — Por certo a maior intérprete da canção francesa; poemas canados; 4 — Tem um goso especial pelas obras na via pública; oportunidade; 5 — Faça como a pulga; 6 — Andou pelas touzadas; pode ser de carne ou de «marisco»; 7 — Correspondeu-se com Fradique Mendes; Shakespeare inspirou-se neste rei escocês do séc. XI; 8 — Nota da Redacção; em torno dele nasceu Paris; faz o gato; 9 —

Estamos na de Inverno; é mais do que «bi»; sine die; 10 — Faça-o ao pombo-correio; este Luís francês ficou santo; 11 — Dotes do Serafim Saudade.

VERTICAIS

1 — Fazem as galinhas aos ovos; entrou para o lugar de Costa Brás; 2 — Vale onze pontos na «sueca»; é assim a oscilação do pêndulo; 3 — Volta-se a ver em Espinho; é melhor fazê-lo no fim; 4 — Adilvinho que recorre a ídolos; acordo que Gorbachev e Reagan se propõem ressuscitar; 5 — Venceu o general Lee; a mim; hora de Inverno; 6 — Invadem-nos todas as segundas-feiras; 7 — Pode ser artístico; o que mais se faz no hóquei; 8 — Enguia; Escola Superior de Biologia; três; 9 — Marchas-sem; noventa; 10 — Confunde-se muitas vezes com «ões» e «ãos»; ...Redding, expoente da música «soul» nos anos 60; 11 — Quantas mais, mais caras são os apartamentos.

SOLUÇÃO DO N.º 130

HORIZONTAIS: 1 — jovem; Brás; 2 — papelada; nó; 3 — azo; anura; 4 — tiro; ovalai; 5 — Rá; LP; learo; 6 — imperador; 7 — coesas; Co; 8 — RDP; MCI; Mig; 9 — CX; diáspora; 10 — fiar; rec; 11 — supuríferos.

VERTICAIS: 1 — patriarcas; 2 — jaziam; DX; 3 — opor; PCP; FP; 4 — vê; óleo; Dio; 5 — ela; premiar; 6 — mano; Ascari; 7 — duvidais; 8 — baraaos; pré; 9 — alar; moer; 10 — an; ar; circo; 11 — socióloga.

Curso de Cinema de Animação na Cooperativa Árvore

A Cooperativa de Ensino Árvore vai levar a cabo, durante a segunda quinzena de Novembro, um Curso de Cinema de Animação, especialmente dedicado à técnica de Recortes.

A orientação deste curso será do professor belga de cinema de animação, Gaston Roch, que se encontra em Portugal a convite do Cinanima, uma organização da Cooperativa Nascente.

JORGE RELVAS

MULTICOISAS

DISCOTECA - RELOJOARIA TV - APARELHAGENS DE SOM - PORCELANAS BRINQUEDOS - ETC.

AVENIDA 24 N.º 217

Fernando Rodrigues Lima

Distribuidor de papéis COLOWALL, com novas colecções para 1985 e 1986 acabadas de sair, Vimura, Paréta, Parati, etc.

DESCONTOS ESPECIAIS A EMPREITEIROS

Trav. da Rua 5 (traseiras da Garagem Sousa) — Telf. 721739

ESPINHO

RAICA

PRONTO A VESTIR INSTITUTO DE BELEZA

Marcações pelo telefone 722896

Crédito Gratuito

Rua 62 n.º 101 - ESPINHO

FUTEBOL

U. LEIRIA, 0 — ESPINHO, 2

Espinhenses seguem em frente na Taça de Portugal

Jogo no Estádio Municipal, em Leiria.

Árbitro: Fernando Costa (Lisboa).

Cartão amarelo: Teixeira (aos 78 m.).

U. Leiria — Vítor Alves; Martinho (Jerónimo, aos 75 m.), Ferrinho, Branco e Teixeira; Vitinha, Mendes (Vítor Manuel, aos 45 m.), Reis e João Carvalho; Ruas e Libânio.

SCE — Silvino; Cruz, Vítor Manuel, Vieira e Eliseu; Da Rosa, João Carlos e Manuel Jorge; Luís Manuel (Hermínio, aos 66 m.), David (Zé da Pinta, aos 45 m.) e Abel.

Ao intervalo: 0-0. Mercadores: Abel (aos 79 m.) e João Carlos (aos 83 m.).

Os «tigres» realizaram neste jogo para a Taça de Portugal uma exibição de muito agrado, ao nível da realizada no jogo

contra o Gil Vicente. Jogando com grande disciplina tática e grande sentido de entreajuda, os espinhenses foram ao longo do encontro a melhor equipa em campo.

Povoando muito bem o meio campo (é aí que se começam a ganhar os jogos), os espinhenses não deram espaço de manobra aos médios e atacantes do União de Leiria, que durante todo o primeiro tempo não conseguiram criar uma oportunidade de golo, digna desse nome. Ao contrário, os espinhenses de quando em vez levavam o perigo até ao último reduto dos leirienses, principalmente quando desenvolviam os seus ataques pelo lado direito, onde o entendimento entre João Carlos, Da Rosa e Luís Manuel, era perfeito. O nulo ao intervalo, castigava a falta de pontaria dos atacantes do Sp. Espinho.

Na segunda parte, os locais apareceram mais balanceados no ataque, mas continuaram a encontrar pela frente um conjunto confiante, que sabia o que

queria. Nos primeiros minutos do período complementar, os leirienses têm a sua melhor oportunidade de golo, mas Reis não teve a calma suficiente para rematar com êxito.

A entrada de Zé da Pinta (um avançado de raiz), no início da segunda parte, veio dar ainda mais acutilância ao ataque dos «tigres», passando a defesa local por momentos de aflição.

Foi com toda a naturalidade que o Espinho inaugurou o marcador quando eram decorridos 79 minutos, por intermédio de Abel, depois de mais um lance envolvente do seu ataque, para volvidos 4 minutos, voltar a repetir a graça por intermédio de João Carlos, sendo este golo, um prémio merecido para a boa exibição do médio espinhense.

Até final, as duas equipas limitaram-se a esperar pelo último apito do homem vestido de preto.

Boa exibição da turma de Espinho, com realce para a sua ala direita, que não deu sossego ao último reduto dos locais.

Arbitragem de bom nível.



VOLEIBOL

I Divisão

«TIGRES» VENCEM FASE PRELIMINAR

Concluiu-se, no passado fim-de-semana, com jornada dupla, a primeira fase do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, no que diz respeito à Zona Norte. A jornada saldou-se em mais duas vitórias da turma espinhense.

SCE, 3 — ESMORIZ, 1

Parciais: 16-18; 15-7 15-10; 15-10.

Com uma recepção deficiente, os «tigres» foram entregando sucessivamente pontos ao seu adversário, que venceu com toda a justiça o primeiro «set».

No segundo «set», a entrada de Avelino Simões para o lugar de Vítor Coelho, veio dar maior velocidade ao jogo dos locais, que com facilidade passaram o bloco dos homens da Barrinha.

Com a quebra física de José Adelino e António Silva, o Esmoriz sentiu-se incapaz de resistir à melhoria sensível da turma espinhense, melhoria essa que se fez sentir a partir da altura em que começou a jogar com um só distribuidor, libertando mais um jogador para as acções de ataque.

A vitória neste encontro garantiu desde logo a passagem à fase seguinte.

GUEIFÃES, 0 — SCE, 3

Parciais: 0-15; 2-15; 13-15. Os espinhenses não precisaram de se aplicarem a fundo, para levarem de vencida a turma de Gueifães. Este conjunto

apresenta-se muito ingénuo, sem uma acção competitiva capaz de equilibrar um jogo com os pretendentes ao título.

No último «set», os «tigres» fizeram descansar alguns dos seus elementos mais preponderantes, sendo então possível haver algum equilíbrio.

Apresentando-se com um conjunto mais baixo que o ano passado, mesmo assim os «tigres» continuam a ser candidatos à vitória final.

O SCE alinhou com: Pedro Baptista, António Castro, António Figueiredo, Pedro Violas, Filipe Vito, João Maduro, António Pinto, António Pedrosa, Avelino Simões, Kustra e Vítor Coelho.

2.ª Divisão

AAE COMEÇA COM DERROTA

Jogando no seu pavilhão com o CDUP, na 6.ª feira à noite, a AAE não conseguiu evitar a derrota por 3-0 (6-15, 14-16 e 7-15), nesta 1.ª jornada do respectivo campeonato.

Aguardava-se com alguma expectativa esta estreia da equipa sénior, dada a aposta que os dirigentes da secção de voleibol da Académica têm estado a fazer no sentido de se recuperar o prestígio da modalidade dentro do clube.

O «seis da Académica», apesar de ter perdido, deu muito boa conta de si. Com uma maior experiência competitiva, a equipa poderá render muito mais em relação ao que fez neste jogo. O segundo «set», esteve nas mãos dos jovens da AAE, que ganhavam por 13-6, mas, na parte final, consentiram uma recuperação dos universitários que, reforçando o bloco, acabaram por vencer, com alguma sorte, por 16-14. Foi no bloco aliás, que esteve a diferença entre as duas equipas, para além da experiência e cabeça fria dos homens do CDUP.

Pela AAE, alinham: José Alves, Paulo Pereira, Jorge Ferreira, Paulo Torres, Carlos Brenha, Arlindo Tavares, Sérgio Silva, Augusto Sá, José Martins, Henrique Teixeira, Joaquim Leite e Luís Monteiro.



ANDEBOL

Seniores Femininos

SCE, 14 — MÓDICOS, 13

As locais tiveram ao longo do encontro, dificuldades com que certamente não estavam a contar. Jogando sem disciplina tática e denunciando os seus movimentos atacantes, as espinhenses deixaram que a turma adversária equilibrasse sempre o marcador.

Não conseguindo penetrar na linha de sete metros, esperava-se que as jogadoras da primeira linha fizessem os golos necessários para levar de vencida a turma adversária, mas tal não aconteceu ao longo de todo o encontro. Apercebendo-se do

dia não das jogadoras de Espinho, as frastreiras agigantaram-se e foram um adversário difícil.

Nos confrontos entre estas duas equipas, normalmente acontece um resultado favorável às espinhenses, na ordem dos dez golos de diferença. Desta vez tal não aconteceu, também muito por culpa da arbitragem, que incompreensivelmente complicou aquilo que era fácil.

Pelo SCE alinham: Vera, Paula Rodrigues, Carmo, Cristina, Rita, Teresa, Raquel, Paula Moreira e Rosa.

HÓQUEI EM PATINS

DOMÍNIO DOS SENIORES

Realizou-se no sábado à noite, a 1.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª divisão da modalidade (série C).

A Académica recebeu e bateu a equipa das Termas de S. Pedro do Sul por 9-0, com golos de Pedro Patrício (7), Arsénio Barbosa e Vítor Rocha.

O resultado espelha bem a superioridade da turma da AAE, que dominou o encontro, remetendo o adversário, quase sempre, no zona da sua baliza.

Só por falta de sorte, em muitos lances, a diferença de golos não foi maior.

Esta equipa (muito jovem) es-

pinhense, neste primeiro jogo, apareceu a praticar um hóquei com muita velocidade, muita frescura e bem entrosada, proporcionando lances de bom hóquei que agradaram às poucas pessoas presentes no pavilhão Arq.º Jerónimo Reis.

Toda a equipa esteve bem, mas destacamos Pedro Patrício que se evidenciou a jogar e a marcar.

Jogaram pela AAE — Rui Rodrigues, Arsénio Barbosa, José Sá, Joaquim Lima, Pedro Patrício, Vasco Reis, Vítor Rocha, Manuel Saraiwa, Eugénio Gomes e Ricardo Magro.

XADREZ

VAI REAPARECER NA AAE

A Associação Académica de Espinho vai levar a cabo na sua sede, no sábado, dia 23, pelas 15 horas, uma sessão de «Xadrez Computacional», na qual são postos à disposição dos interessados vários computadores, contra os quais poderão testar as suas capacidades.

Esta iniciativa da AAE.,

marca o reinício das actividades da sua secção de xadrez, após alguns anos de inactividade. Recomeçando praticamente do zero, como afirmam responsáveis do clube, «esta secção vai procurar atingir o nível que há anos atrás lhe permitiu alcançar para o clube alguns títulos nacionais e regionais».

Iniciados Masculinos

A. S. MAMEDE, 13 — SCE, 11

SCE, 37 — G. S. TIRSO, 6

Disputou-se no passado fim-de-semana, no sistema da Taça Latina, a fase final do Torneio de Outono.

No primeiro jogo, contra a Acad. S. Mamede, os espinhenses foram sempre superiores, mas a deficiente actuação da dupla da arbitragem, que inclusive cometeu alguns erros técnicos, tirou a hipótese dos espinhenses irem à final. Comprometidos com o seu comportamento, os árbitros não tiveram

a coragem no final do jogo de ficarem com a licença desportiva do técnico espinhense, António Canelas, depois de o terem expulso do banco.

Para apuramento do 3.º e 4.º lugares, os espinhenses defrontaram depois os rapazes do Ginásio de Santo Tirso a quem «cilindraram» por 37-6.

O desnível entre estas duas equipas foi muito grande, tornando-se o jogo, um passeio para os «miúdos» de Espinho.

VISTA OS SEUS FILHOS NA

BOUTIQUE MI

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

A VARINA

Especialidades:
Arroz de marisco, Lulas,
Caldeirada, Bacalhau, Rolões
e as famosas papas de
sarrabulho.

SERVIMOS PARA FORA
R. 2 N.º 1269 — ESPINHO
Telef. 724630

A posição dos convidados ao debate sobre Imprensa / Poder Local

O Meré Viva inicia hoje uma série de recolhas de depoimentos dos candidatos à Presidência da Câmara, sobre assuntos pontuais e que este órgão entende tenham interesse para o esclarecimento da opinião pública. Optamos por esta via, que iremos tentar manter todas as semanas, em detrimento da grande entrevista à qual o leitor, muitas vezes, passa os olhos, esquecendo imediatamente o seu conteúdo.

Escolhemos para o início, o debate que a APU vai realizar, sobre o tema «Poder Local: Liberdade Imprensa e seu relacionamento com a Imprensa», por ser uma questão que está na ordem do dia. Mas, outros temas se seguirão.

Embora a ideia inicial seja, como já dissemos, contemplar apenas os candidatos à Câmara, no caso presente alargamos este espaço ao Presidente da Câmara e primeiro da lista para A. M. pelo PRD, por terem sido para o debate em questão convidados. O mesmo faremos quando houver justificação para tal.

Não gostaríamos ainda de deixar de justificar a ausência dos pontos de vista de Gomes de Almeida (PSD) e João Almeida (UDP) sobre este assunto. No primeiro caso, a razão assenta no facto de quando iniciamos a recolha dos restantes depoimentos, na segunda-feira o Dr. Lito Gomes de Almeida estar ausente de Espinho. No segundo, porque o contacto com João Almeida se apresenta difícil, uma vez que não se encontra a residir nesta cidade. Numa próxima oportunidade tentaremos ultrapassar esta dificuldade.

JOSÉ FONSECA (CDS):

POUCA TRANSPARENCIA DA CÂMARA

«A minha posição foi a de abrir as portas do edifício municipal, a todas as iniciativas deste género, para o esclarecimento da população sobre questões tão importantes como esta — a liberdade da imprensa; quando falo em liberdade de imprensa refiro-me mais à transparência da Câmara.

Discordo do procedimento do Presidente da Câmara, na medida em que por formação e idade não tem qualquer sensibilidade a um trabalho de equipa. Daí o processo já utilizado várias vezes, de tomar as decisões e depois pedir à Câmara para as sancionar. Isto não é nada transparente, e, por outro lado, gostava de perguntar às pessoas que assistem às reuniões do Executivo, ao verem a capacidade de diálogo do Presidente, se esta é um órgão coeso, uma Câmara dialogante e se este relacionamento entre autarcas tem algum trabalho de equipa?

O debate tem toda a razão de ser. Seré o primeiro a estar presente e espero que todo o elenco da Câmara também esteja. Interpretarei a ausência de qualquer vereador como flagrante sintoma de quem está seriamente comprometido com esta falta de transparência.

Apenas queria acrescentar que no meu mandato tive uma situação que não pode minimamente ser comparada com esta, na medida em que as acções, longe de serem uma crítica ao

então Presidente da Câmara, eram uma agressão à dignidade da pessoa visada, através da difamação e calúnia, que utilizava meios primários, o que era atentório à minha pessoa porque abordava aspectos da minha vida particular. E nessa altura a Câmara entendeu como o mínimo que se podia fazer, não para evitar a crítica ou defender a pessoa visada, era suspender a assinatura com todos os riscos que legalmente isso pudesse ter. Ao contrário do que presentemente está a acontecer, nunca o Presidente da Câmara moveu qualquer processo fosse a quem fosse, embora reconhecesse que essas situações eram extremamente graves».

ROLANDO DE SOUSA (PS):

HAVIA DEBATES MAIS IMPORTANTES

«Considero que este debate não tem razão nenhuma de ser, mas de qualquer forma estarei presente. Não sei exactamente se há mais casos, mas no que originou este debate, não vejo que tenha existido qualquer atentado à liberdade de imprensa.

Em questão, estão relações entre o poder e a imprensa local, que devem ser transpa-

rentes, profundas e proficuas, e a Câmara deve estar equipada nesse sentido.

Mas como disse, vou estar presente porque vai ser discutida esta questão e acho que devo aceitar o desafio, até porque fui citado pessoalmente no comunicado. Mas, por outro lado, recuso-me a aceitar que esse processo tenha conduzido

a um atentado contra a liberdade de imprensa. Entendo que a atitude do Presidente da Câmara não tem nada contra a liberdade de imprensa.

Penso que sendo este um debate incluído na pré-campanha eleitoral, haveria debates muito mais importantes que este; Espinho tem tantas carências...»

JOSÉ CARLOS LEITÃO (PRD):

PRESENCIA POR COMUNICADO

«No dia 22, dia do debate este de serviço de urgência no hospital Sto. António, e por essa razão não me é fisicamente possível estar presente.

Em relação ao que penso sobre o assunto, já redigimos um comunicado, para ser lido na sessão, e que traduz a nossa opinião. Entendemos que há aí um binómio aborrecido: a população tem direito a um esclarecimento, ao mesmo tempo que

os jornais também têm direito à informação para a veicular depois. Sobre o problema específico, acho que é prematuro dar uma ideia. Isso será feito na altura devida.

Não estamos de acordo com as atitudes de violação da lei de imprensa, por parte do jornal, como também não concordamos com a forma menos ponderada como o Presidente e

posteriormente a Câmara reagiram.

Sobre o debate em si, penso que se é para no futuro pauperarmos as relações Câmara-imprensa de maneira mais eficaz e dialogante, encontrando para tal as soluções estruturais ideais, então sim, acho que é pertinente. Se ele tiver algum fim eleitoralista, então, acho que não tem razão de ser».

JORGE CARVALHO (APU):

OS ARGUMENTOS DA CÂMARA SÃO INFANTIS

«O pretexto próximo para a realização do debate é a moção da APU, na Assembleia, e a

proposta/resposta aprovada na Câmara. Parece-nos que uma vez que apareceu envolvido

nesta tomada de posição o cabeça de lista do PS e o cabeça de lista do CDS quando Pre-

sidente, tomou idêntica atitude em relação a outro semanário. Aliado ao facto de o próprio PS, PSD e CDS terem tomado tal posição, é preocupante o caminho que a próxima Câmara pode tomar em relação à imprensa. Os argumentos apresentados na Câmara, que o referido semanário não publicou o direito de resposta, em Outubro de 84, são infantis; porque se a lei de imprensa obriga os jornais a publicar o direito de resposta por outro lado, estabelece uma sanção. A Câmara em vez de recorrer aos meios legais utilizou um outro ilegal. Isto é, aplicou uma sanção não prevista em nenhuma lei, sem possibilidade de o visado se defender e que tende a ser perpétua.

O debate não se circunscreve só a este assunto. Deveria haver mais intercâmbio entre poder local e imprensa. Debater como uma futura Câmara deverá procurar melhor ligação com a imprensa local, para evi-

tar que sucedam coisas semelhantes às que se têm registado até aqui e criar condições para melhor relacionamento entre ambos.

Quando apresentamos a moção, não pensamos que estavamos perante uma situação intencional, mas uma birra em relação ao semanário. E julgamos que apresentada a moção voltaria ao normal. Quando, passado todo esse tempo, vimos que a Câmara reafirma esta posição, aprovada por três das quatro forças políticas ali representadas, dizemos que o futuro é negro. Porque parece que seria uma atitude legal e democrática para uma próxima Câmara, a mínima crítica feita por qualquer jornal, usar processo idêntico. Não há noção do mal, não há barreira entre o que é legítimo e não é. Está em causa o precedente que se abriu e o tom natural com que se diz que está bem».

ARTUR BARTOLO:

AS RAZÕES PARA MAIS TARDE

«Não é pelo que foi divulgado sobre este assunto, nos jornais, que eu aceitava ou deixava de aceitar o convite. Foi-me dirigido pessoalmente um convite pela Comissão Coordenadora da APU para participar num debate intitulado «Democracia e liberdade da imprensa em perigo em Espinho». Recebi-o no dia 15 e fiz entregar em 18-11-85,

uma carta dirigida ao representante da Comissão Coordenadora da APU em Espinho, informando a minha posição relativa ao debate em causa.

Entendo que não seria deontológico estar a dar publicidade a essa carta sem primeiro saber das reacções da primeira Comissão, relativamente à mesma».

PROMOVIDO PELA NASCENTE

Decorre este fim-de-semana Seminário sobre Arqueologia Industrial

Tem início já na próxima sexta-feira, no Hotel Praia-golfo, o seminário sobre arqueologia industrial, promovido pela Coop. Nascente. Esta iniciativa, que surge na sequência de uma outra anteriormente promovida por esta Cooperativa Cultural, centrada na fábrica de conservas «Brandão Gomes», decorre durante três dias, tem o apoio da Câmara e é orientada por técnicos especializados do Instituto do Património Cultural (Comissão Organizadora das exposições de Arqueologia Industrial). O seminário encerra no domingo, contando com o seguinte programa:

22 Novembro

Manhã — «Objecto, fontes e métodos da Arqueologia Industrial» (dr. Jorge Custódio)

Tarde — «A Arqueologia Industrial e a salvaguarda do Património Industrial»

Noite — Projecção de slides

23 Novembro

Manhã — «Aplicação da Arqueologia Industrial a um caso concreto — o Papel» (Dr.ª Luisa Santos e Dr.ª Isabel Ribeiro)

Tarde — Visita guiada às fábricas de Papel de Paços de Brandão

24 Novembro

Manhã — «Museologia e Arqueologia Industrial» (Dr. António Nabais)

Tarde — A reutilização do Património Industrial
Visita guiada a uma unidade fabril do concelho de Espinho.

As inscrições são gratuitas, podendo os interessados dirigir-se à sede da Coop. Nascente (Rua 62, n.º 251 — Espinho), ou contactar pelo telefone 721621).

IMAGRE VIVA



PORTO RAGO

Coordenadores da Câmara Municipal de Espinho
4 500 ESPINHO



Uma parte do tecto e muro da velha fábrica «Móveis Reis» ruiu na madrugada de terça-feira. Embora não haja vítimas a lamentar, dada a hora a que se deu o desabamento, prevê-se que os prejuízos tenham sido significativos uma vez que existia na fábrica diverso material pronto a ser entregue a clientes.

Refira-se que o edifício, no gaveto da av. 8 e rua 33, tem um aspecto bastante degradado tornando-se urgente proceder a obras, para garantir a segurança dos seus operários.